

TEXTO DE CURADORIA

Entre Cipós & Grafismos: A Jornada Visual de Nyalles

Neste encontro que propomos com a obra de Nyalles, convidamos o visitante a entrar por uma ponte: de um lado, a exuberância dos manguezais, as águas do rio, os mitos ribeirinhos; do outro, o grafite urbano, o traço contemporâneo, o pulso da cidade. A arte de Nyalles vive justamente nesse lugar de tensão, encontro e harmonia — realismo e abstração, ancestralidade e vanguarda, flora e fauna da Amazônia que se transformam em símbolos que respiram e conversam.

As folhagens, os bichos, os encantos e histórias paraenses não estão aqui apenas como “tema”. Viram corpo, viram traço — letras que se enrolam como cipós, grafismos



que rompem dos rios, a madrugada no igarapé, o ritual do boi de máscaras. O caligraffiti de Nyalles mistura o ancestral e o urbano, a memória e a reinvenção: as raízes se elevam, se expandem, atravessam o “mural”, a tela, o espaço da galeria.

Nossa proposta curatorial é tratar este espaço não só como galeria, mas como território — híbrido, vivo. Um território onde o ribeirinho encontra o cosmopolita, onde a máscara se veste no muro, onde o ontem e o agora dialogam em imperfeita harmonia. Não é sobre nostalgia; é sobre deslocamento e presença. É lembrar que aquilo que veio dos manguezais, das marés, da tradição, não está no passado — está pulsando aqui e agora.

Quando você sair desta mostra, queremos que leve impressa uma sensação — talvez a folha que cai no igarapé, o neon que brilha sob a luz da baixada, o traço que oscila entre a letra e o cipó. A arte de Nyalles não pede silêncio reverente: pede presença, reflexão, entrega. E também ação - **Porque lembrar é um passo, mas agir é trazer à tona.**

